



SILVEIRA FILHO, J da. Discurso de formatura da turma de bacharelado em ciências econômicas. **Janela Econômica**, Curitiba: ano 11, n. 3, setembro, 2016. ISSN 2358-3525

Discurso de Formatura da Turma de Bacharelado em Ciências Econômicas

José da Silveira Filho¹

Senhoras e Senhores, Pais, Familiares e Amigos
Distinta Mesa,

Meus afilhados,

Hoje eu me deparei com uma situação quase temerária. Estava meditando sobre o que dizer aos meus alunos e agora colegas de profissão. Nas idas e vindas da imaginação, com tantas mil possibilidades a falar, nada mais conveniente do que ser tradicional. Principiar com o agradecimento pela honraria que me concederam ao ser escolhido como porta-voz de reflexões e sentimentos resultantes de 4 anos de abnegação. Isso é o que pretendo partilhar nesta noite de colação de grau em que a vida apenas vai recomeçar. Despedem-se alunos. Saúdam-se economistas.

Ser paraninfo simboliza alguém que trilhou caminhos para além da ciência e dos saberes técnicos. É aquele quem traçou mais acima paralelas nas quais se sulcaram humanidades. Foram marcas de dedicação, de solidariedade, de compreensão, inclusive dos defeitos que todos somos portadores. Por causa desses defeitos é que se está em aprimoramento. Felizmente eles existem. O ser humano é uma composição inacabada. Está em evolução. Triste é se considerar pronto. Que não necessita mais aprender. Aí ele parou. Ele morreu para o tempo. Ficou para trás. Não será mais ouvido por ninguém por não ter mais significados a dizer. Irá para um baú dos retalhos esquecidos. Para não afundar neste breu da alma, existe uma inspiração infinita para aqueles que não querem estacionar no tempo. Mora nos livros, verdadeiros arrebatadores da imaginação, como espaçonaves que nos conduzem a horizontes sem fronteiras. Voltem sempre a eles, seja pelo estudo formal ou pelo prazer de querer saber. Quando a televisão estiver aborrecedora, o que é comum, a leitura abre as portas do incomensurável.

No paginar desses 4 anos, que voaram como as gaivotas, procurei o mais que pude ensinar essas humanidades. Dentre tantas, a mais apreciada, é de que as pessoas são

¹ Economista. Graduado pela Universidade Federal do Paraná. Professor da disciplina de Economia Brasileira Contemporânea das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

semelhantes. Alguns são bons numa qualidade, outros noutra. No final, na generalidade, terminamos parecidos. A facilidade de um é a dificuldade de outro. Assim todos trazemos nos gestos o fácil e o difícil. E caso se citar o Gênesis, de que do pó se partiu e a ele se regressa, não há escapatória, os seres humanos acabam iguais. Uma lição que parece ter sido ignorada, abandonada pelo caminho. Está havendo pouco lugar para a solidariedade, a compreensão e o respeito recíprocos, a consideração entre os seres humanos que deveriam se olhar como tais. Como se essas particularidades que é o melhor que as pessoas trazem consigo fossem vergonhosas nesse mundo da mais alta competição, do dinheiro enquanto um fim único e não enquanto um meio para se viver com alegria. Assim essa mensagem tem sido subliminar no cotidiano das gentes, assim tem sido conduzida para outras esferas da convivência.

O ofício de ensinar e aprender demonstra que a educação transforma o homem. Porém, não é só da ciência e da técnica que ele se nutre. A educação segue além do construir coisas e artefatos de engenhosidade. Há algo errado com o comportamento humano quando se renuncia ao que ele tem de melhor. Quando nos anos 50, do século passado, a escolaridade era bem menor, e nem se pensava da quantidade e velocidade como o conhecimento se difundiria como hoje é, o futebol já apontava como entretenimento predileto da população. E justo numa época em que o computador nem existia, as torcidas entravam juntas pelo mesmo portão. Isto me foi narrado por um amigo já falecido faz tantos anos. Reinava um clima de maior festividade, de conagração, de riso, de compartilhar um momento de felicidade. O que não quer dizer que não houvessem rugas por causa da paixão pelos times. Hoje parece imperar a ferocidade, a intolerância, como se os seres humanos fossem arqui-inimigos, alimentando até desejos de ódio e vingança, ao invés de um sentido de aproximação pela igualdade. É um trabalhador contra outro trabalhador, sem se darem conta que juntos eles constroem o mundo em todos os lugares.

A educação aparenta ter falhado em algum ponto. Que valores estão sendo transmitidos agora? Educação num amplo sentido. A família educa. A escola educa. A sociedade educa. A rua educa. A televisão educa. O mendigo educa. Não obstante os saltos deslumbrantes da tecnologia, o ser humano parece ter recuado um passo atrás. Mas, sigo perseverando com esperanças no contrário, de que a índole do homem é boa. A ciência não identificou o gen da bondade, nem o gen da maldade, nem o vírus do bem, nem o vírus do mal. O que prolifera são as sementes do que foi ensinado. E o homem será o que foi semeado em seu íntimo. As sementes, o modo de semear, o modo de lavrar moldará a atitude das pessoas. Que sementes estão sendo plantadas em nossos dias? Os atos humanos refletem as sementes que vingaram. A boca anuncia o que arde no coração.

E amanhã, quando esta solenidade somente exalar lembranças, levante mais tarde. É mérito seu. Abrace seu pai. Abrace sua mãe. Antes, olhe bem fundo nos olhos deles. Abrace, enfim, quem te acompanhou. Ali, rente, sem vacilar, momento a momento. E nada diga. O silêncio será revelador. Abrace apertado. Se esse alguém imprescindível foi embora, naquela viagem ao infinito das recordações, dos retratos em molduras, não se entristeça tanto assim.

Apalpe-se. Os que se despediram estão dentro de ti. Na maneira de teu olhar, na maneira de teu andar, nos teus dizeres, em teus gestos espontâneos, teus cacoetes irrefletidos, eles vivem, eles vivem, sim vivem. Dentro de ti. Você é a eternidade de quem te gerou e teu filho é o espelho que te prolonga ao universo sem fim.

Por estes próximos dias, tome uma atitude diferente. Plante quem sabe uma árvore, de preferência frondosa, ou frutífera, para daqui há trinta anos, quando olhar para ela, ela simbolize a imponência do que você foi um dia capaz de sonhar, do ser humano muito melhor que você conseguiu ser se aprimorando ao longo dos anos, dos frutos que conseguiu colher. Não foi em vão. Neste dia do futuro, você deve se rir, suspirar de satisfação e, por certo, há de cochichar, à sombra da árvore que plantou tantos anos atrás:

- É, cheguei nos sonhos que você semeou para mim!...

Caso seu filho estiver neste futuro, ele vai se intrigar do teu sorriso, de teu murmurar consigo mesmo, há de perguntar:

- Pai, você está falando com uma árvore?!...

- Não, meu filho. Não. Estava falando com meus professores. Meus semeadores de sonhos.

E ali permanecerão os dois, pai e filho, nesse futuro, rindo, como passarinhos a rumorejar, enquanto o tempo vai parecer ter paralisado de admiração diante daquele instante que hoje começou.

Muito obrigado a todos

***Auditório da FIEP
Curitiba, sexta-feira, 16 de setembro de 2016.***

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.